

AUTONETNOGRAFIA E INSERÇÃO ONLINE¹

O papel do “pesquisador-insider” nas práticas comunicacionais das subculturas da Web.

Adriana Amaral²

Resumo: O presente artigo introduz o conceito de autonetnografia (Kozinets, 2007), um dos níveis de indicação da proximidade na relação entre pesquisador e os sujeitos observados nas comunidades digitais. A partir desse norte teórico, utilizado como elemento integrante da metodologia de etnografia virtual (Hine, 2000), parte-se da figura do pesquisador-insider (Hodkinson, 2005) e seu papel para uma problematização de sua inserção no online. Através da observação participante dos processos comunicacionais e de sociabilidade dos integrantes da subcultura electro-industrial (Amaral, 2007) são apontados alguns usos, apropriações e consumo das TICs no contexto da Web 2.0. Além de discutir o conceito de autonetnografia, o artigo revisa os procedimentos metodológicos da análise netnográfica, apresentando algumas de suas aplicações, e propõe um exercício de narrativa de cunho subjetivo como possibilidade de escrita adequada à análise das práticas de comunicação na Internet.

Palavras-Chave: Autonetnografia. Subculturas. Processos comunicacionais.

Introdução

O presente artigo é parte de uma pesquisa em curso sobre as práticas comunicacionais, usos e apropriações das ferramentas tecnológicas pelos participantes das cybersubculturas (AMARAL, 2007) de “música eletrônica alternativa”³ brasileiras. O texto é uma narrativa, empírico-descritiva que reflete sobre os limites, possibilidades e dificuldades do *pesquisador-insider* (HODKINSON, 2005) dentro da observação-participante nas subculturas que se desenvolvem na Internet e que possuem uma grande dependência das tecnologias

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Sociabilidade”, do XVII Encontro da Compós, na UNIP, São Paulo, SP, em junho de 2008.

² Professora e pesquisadora do Programa de Mestrado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: adriamaral@yahoo.com.

³ Para não sairmos do escopo do texto, e meramente para fins didáticos, utilizo aqui a definição da lista rejekto, como sinônimo de “música eletrônica underground em suas mais variadas formas e tendências tais como EBM, industrial, synthpop, electro, minimal synth/electro, techno, new beat e afins”. Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/rejekto/>> Acesso em 15/01/2008.

desde sua gênese, designadas cybersubculturas (BELL, 2000, CASPARY & MANZENREITER, 2003, AMARAL, 2007a).

Dentro do desenvolvimento de tal empresa netnográfica⁴ (MASON, 1996; KOZINETS, 2002, 2007; SÀ, 2001; MONTARDO & ROCHA, 2005; MONTARDO & PASSERINO, 2006) ou de etnografia virtual (DICKS & MASON, 1998; HINE, 2000, 2005; STRANGELOVE, 2007), apresento nesse artigo apontamentos sobre minha própria experiência de pesquisa, como *pesquisadora-insider*, descritos através da técnica de autonetnografia, a partir de três etapas :

- a) resgate dos procedimentos metodológicos da netnografia, em função da Web 2.0⁵ e algumas de suas aplicações no caso estudado;
- b) discussão conceitual da autoetnografia enquanto uma forma de observação participante que leva em conta a subjetividade e a própria narrativa biográfica do pesquisador (WALL, 2006) e sua transição para uma autonetnografia (KOZINETS, 2007) enquanto um dos pontos mais “extremos” da equação entre observador e informantes dentro das comunidades virtuais analisadas⁶;
- c) um breve exercício autonetnográfico contextualizando minha inserção enquanto *pesquisadora-insider* na subcultura *electro-industrial*⁷ a partir dos usos e apropriações de Sites de Redes Sociais (SRS)⁸, entre outras ferramentas.

A proposição central desse artigo concentra-se justamente no papel do netnógrafo que se engaja na aplicação de multi-métodos (KOZINETS, 2007) passíveis de serem adotados ao fazer a opção pela etnografia virtual. Nesse contexto, é preciso pensar nas dificuldades e facilidades do acesso às informações, nos diferentes valores e experiências vivenciadas pelo pesquisador e sua competência cultural (HODKINSON, 2005). O reflexo disso aparece tanto em seus relatos de pesquisa quanto nas trocas online e offline com os membros da subcultura e a influência dos mesmos nessa “vivência epistemológica”.

⁴ O termo netnografia tem sido mais amplamente utilizado pelos pesquisadores da área do marketing e da administração enquanto o termo etnografia virtual é mais utilizado pelos pesquisadores da área da antropologia e das ciências sociais. Uma vez que o objetivo desse artigo não está nas distinções e semelhanças entre os dois termos, esclareço que estou utilizando ambos como sinônimos.

⁵ Para definições do conceito de Web 2.0 ver ANDERSON (2006); TAPSCOTT & WILLIAMS (2007).

⁶ Ferramenta metodológica do pesquisador-insider como possibilidade narrativa para a apresentação do processo e dos resultados de pesquisa.

⁷ Sobre definições da subcultura *electro-industrial* ver AMARAL (2007a)

⁸ Para uma compreensão histórica e conceitual da pesquisa sobre o assunto ver BOYD & ELLISON (2007)

Minha percepção conceitual sobre as Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) tende a compreendê-las como artefatos culturais (HINE, 2000, 2005; SHAH, 2005; ESPINOSA, 2007). Hine (2000) trata da Internet como um artefato cultural, descrevendo a dispersão da produção e do consumo do discurso entre suas múltiplas localidades, e chama atenção para os diferentes significados em seus distintos contextos culturais e as negociações sociais decorrentes entre o desejo humano de comunicação e os processos técnicos (p.33).

Circunscrita aos usos e apropriações de blogs de pornografia pelas mulheres indianas, a Shah define seu conceito de artefato cultural.

Um artefato cultural, para evitar qualquer confusão, pode ser claramente definido como um repositório vivo de significados compartilhados produzido por uma comunidade de idéias⁹. Um artefato cultural é um símbolo de comunhão (no sentido não-violento, não religioso da palavra). Um artefato cultural se torna infinitamente mutável e gera muitas auto-referências e narrativas mutualmente definidoras mais do que cria uma narrativa mestra linear¹⁰. (SHAH, 2005, Online)

Essa definição “representa a oportunidade de uma aproximação do contexto sócio-histórico de apropriação dos artefatos tecnológicos a partir do olhar subjetivo dos próprios atores que inter-atuam com as TICs”¹¹ (ESPINOSA, 2007, p. 272).

1. Revisão dos Procedimentos Metodológicos da Netnografia

O etnógrafo não é um simples voyeur ou um observador desengajado, mas é, em certo sentido, um participante compartilhando algumas das preocupações, emoções e compromissos dos sujeitos pesquisados. Essa forma estendida depende também da interação, em um constante questionamento do que é possuir uma compreensão etnográfica do fenômeno” (HINE, 2000, p.47)¹²

Kozinets (2007) recupera os quatro procedimentos básicos de metodologia da netnografia, e acrescentando novas possibilidades de pesquisa – não tão novas, mas que não foram previstas em seus textos anteriores, pois segundo ele “enquanto a Internet continua a crescer, essas técnicas se tornam até mais relevantes para audiências gerais e compreensões

⁹ Grifo do texto original

¹⁰ Tradução da autora: “**A cultural artefact, to avoid any confusion, can be clearly defined as a living repository of shared meanings produced by a community of ideas.** A cultural artefact is a symbol of communal (in the non-violent, non-religious sense of the word) belonging and possession. A cultural artefact becomes infinitely mutable and generates many self-referencing and mutually defining narratives rather than creating a master linear narrative” (SHAH, 2005, Online).

¹¹ Tradução da autora: “representa la oportunidad de un acercamiento al contexto socio-histórico de apropiación de los artefactos tecnológicos, desde la mirada subjetivada de los propios actores que interactúan con las TIC. (ESPINOSA, 2007, p.272)

¹² Tradução da autora “The ethnographer is not a simple voyeur or disengaged observer, but is also to some extent a participant sharing some of the concerns, emotions and commitments of the research subjects. This extended form of experience depends also on interaction, on a constant questioning of what it is to have an ethnographic understanding of a phenomenon” (HINE, 2000 p.47).

contemporâneas, e quaisquer mudanças feitas para serem adaptadas ao ambiente digital podem apenas servir para deixá-las mais úteis (p.6)¹³. São eles:

- a) *Entrée* cultural;
- b) Coleta e análise dos dados;
- c) Ética de Pesquisa;
- d) Feedback e checagem de informações com os membros do grupo;

As etapas não ocorrem necessariamente nessa ordem (à exceção da *entrée* cultural que é, logicamente a primeira inserção), mas se fundem e se sobrepõem simultaneamente (KOZINETS, 2007). No decorrer de minha pesquisa, tenho vivenciado tais sobreposições e interferências (aqui num sentido positivo) no qual os procedimentos acontecem de forma interligada.

1.1 A *entrée* cultural nos sites de redes sociais e outras plataformas

Composta pelas primeiras inserções ao campo, minha *entrée* cultural ocorreu de forma tranqüila. Crédito esse fato não apenas ao meu prévio *background* como entusiasta da subcultura como ao meu intenso uso da Internet desde a metade dos anos 90, tanto para fins acadêmicos, quanto profissionais e entretenimento. Não trato aqui das inserções offline em encontros presenciais como festivais, shows, etc, embora saliente que a maior parte deles ocorreu após as conversações online.

As dificuldades enfrentadas por Markham (1998), em relação ao aprendizado de uso das TICs como download e instalação de programas e mesmo em conversações com os informantes através de comunicadores instantâneos e da própria dificuldade de acompanhamento das trocas de mensagens, como apontadas pela autora, não aconteceram no curso de minha pesquisa, tampouco de minhas interações mediadas por computador com os informantes.

Talvez tenha ocorrido apenas um estranhamento inicial com a plataforma Last.fm¹⁴ e algumas dificuldades e falta de paciência/tempo com a construção de perfil no Myspace¹⁵ – ainda em fase de re-construção – e um pouco de decepção com o Facebook¹⁶ – pouco utilizado pelos membros da subcultura em questão e construído ainda em 2004 por motivos

¹³ Tradução da autora: “as the Internet continues to grow, these techniques become even more relevant to general audiences and contemporary understandings, and any changes made to adapt to transformations in its digital environment can only serve to make it more useful”.(KOZINETS, p.6).

¹⁴ Conforme descrita em Amaral (2007b).

¹⁵ <http://www.myspace.com>

¹⁶ <http://www.facebook.com>. Perfil da autora: <http://www.facebook.com/profile.php?id=676289111>

acadêmicos nos EUA. Por outro lado, os elos e as interações em diversos blogs¹⁷ –meu blog pessoal¹⁸ e o blog projetodmonia¹⁹ – quanto os blogs de alguns participantes da subcultura tanto do Brasil como de Portugal se deu através da co-produção de links (FORTE, 2005) e das trocas de comentários e posteriores adições no flickr²⁰ e no Orkut²¹.

A prática do *microblogging*²², principalmente via Twitter²³, tem possibilitado um amplo espectro de apropriações, usos comunicacionais e de processos de sociabilidade como transferência e compartilhamento de informações, downloads de álbuns e canções, notícias sobre os estilos musicais, bandas, shows, DJs, festas, vídeos no Youtube²⁴ etc; acompanhamento (através dos *followers*²⁵ dos perfis) dos acontecimentos pessoais dos participantes²⁶ – aproximando mais alguns com afinidades extra-musicais – livros, filmes, etc - e demonstrando questões identitárias de pertencimento como gosto musical (a partir das músicas que estão sendo ouvidas), de moda²⁷ e outros comportamentos afins. Finalmente, nos comunicadores instantâneos (basicamente MSN e Gtalk, embora alguns ainda mantenham a conta de ICQ), conversas mais elaboradas sobre o histórico da “cena” e reclamações de todo o tipo.

¹⁷ Percebe-se também nessa inserção, que o formato blog, além de um artefato cultural, de um espaço de conversação e de um diário pessoal, entre outras atribuições conceituais, mostra-se além de uma possibilidade de análise netnográfica como apontam Montardo e Passerino (2006) mas como uma ferramenta etnográfica digital extremamente indicada para diário de campo metodológico, como concluem os estudos de Ward (2006).

¹⁸ <http://palavrasecoisas.blogspot.com>, construído em agosto de 2005 após o encerramento de dois blogs pessoais anteriores, ladya (entre 2002 e 2004) e terminalidentity (blog de minha vivência e do doutorado sanduíche nos EUA, entre 2004 e 2005).

¹⁹ <http://projetodmonia.blogspot.com> - construí o blog em 29/01/2007, primeiramente como elemento de divulgação de uma festa, e que posteriormente adquiriu a função de uma espécie de bloco de notas/diário de campo e transformou-se em um blog coletivo.

²⁰ <http://flickr.com/adriamaral>

²¹ <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=15166985870980875706>

²² Basicamente uma forma de blogagem condensada a um número curto de caracteres. Mais sobre microblog em SILVA (2008, p.11): “O microblog, que surgiu em março de 2006, pode ser atualizado de várias maneiras, principalmente através do envio de mensagens do celular e de mensageiros instantâneos como o *MSN* e *Google Talk*. A principal característica desse formato de blog é o espaço limitado a 140 caracteres para o envio de texto”.

²³ <http://twitter.com/adriamaral>

²⁴ <http://www.youtube.com>

²⁵ Perfis que acompanham/seguem as atualizações dos outros

²⁶ Respondendo à pergunta inicial “What are you doing? (O que você está fazendo?) do Twitter.

²⁷ Um exemplo nítido são as constantes atualizações das fotos dos perfis e os comentários deles próprios e dos outros *followers* sobre as referências explícitas ao visual da subcultura em questão (o moicano e o visual militarizado comentado sobre um participante do sexo masculino e uma referência mais estética quanto à participante feminina).

1.2 Coleta e análise de dados

A coleta de dados é feita basicamente através de *download* e cópia de arquivos, sites, etc, todos organizados em pastas distintas por ano/comunidade dentro do meu PC. Além disso, também há o salvamento de mensagens e de eventuais conversas e entrevistas feitas via Gtalk ou MSN – ainda não utilizei o Skype, embora possa ser uma possibilidade interessante. Uma outra forma de arquivamento se dá através dos posts dos blogs, todos disponíveis online. Em caso de algum dos informantes encerrar seus perfis ou blogs, possuo uma lista com os emails pessoais para eventuais contatos. Além disso, uma das características da comunicação em rede é essa possibilidade de “sumiço” e perda de dados. E, embora hajam formas de recuperação, essa idéia de memória viva (CASALEGNO, 2006) em que dados podem ser perdidos e/ou recuperados, endossa a idéia das TICs como artefatos culturais, sistemas e redes em constante mutação e auto-organização. A análise dos dados é feita conjuntamente com as outras etapas da pesquisa.

1.3 Ética de pesquisa

Desde o princípio desse mapeamento, cujo início efetivo ocorreu a partir de 2006, sempre informei a todos os participantes da subcultura a respeito do trabalho de investigação, em conversas online ou via email ou qualquer outra forma de interação. Mas para formalizar a questão, há uns três meses enviei um email coletivo para as listas rejeito e sintetique informando a todos a respeito da pesquisa. Recebi umas três ou quatro respostas de participantes se colocando à disposição para mais responder questionários e para colaborar.

Outra questão importante é a da autorização da divulgação dos nomes, endereços de blogs, etc (normalmente peço ou por email ou via comunicador instantâneo). Até agora todos os informantes que entrevistei enfatizaram que não havia nenhum problema em divulgar o nome e o endereço do blog/perfil/site, etc.

1.4 Feedback e checagem de informações com os membros do grupo

O feedback do pesquisador com os informantes e com os participantes da subcultura tem acontecido constantemente tanto no plano online como no offline, em alguns eventos sociais alguns participantes comentam os artigos e dados. No online, ele acontece de várias formas. Primeiro há o processo de publicação e divulgação dos dados. Geralmente artigos

publicados em revistas científicas – de preferência online - ou no fanzine²⁸ Overclock²⁹ e sites de música³⁰ nas listas, comunidades no orkut, blogs, etc. A postagem desses textos e links parte de duas vias: do pesquisador e dos próprios membros do grupo, normalmente os os informantes ou aqueles com maior proximidade. Após essa publicação e divulgação, normalmente recebo comentários nos blogs, scraps no orkut, comentários em conversas no msn e por vezes, alguns emails mais detalhados tecendo elogios e às vezes até críticas. Essas críticas normalmente são a respeito de discordâncias ou detalhes e indefinições históricas sobre determinado gênero ou subgênero musical.

Usualmente, respondo as mensagens, verifico as informações e tento corrigir ou alterar dados – quando pertinentes e principalmente de cunho histórico - em função dessas críticas. Além das trocas de informações direto com a pesquisadora, já aconteceu da divulgação do texto ocorrer em portais informativos ligados à cena. Esse foi o caso do Fiberonline³¹ (SP) ao comentar o lançamento da terceira edição do fanzine *Overclock*:

(...) Entre alguns dos destaques do conteúdo do Overclock estão o polêmico HansenHarryEBM com ácidas pinceladas em personagens do *mainstream musical*³² *brazuca* como Lacaia, Tati Quebra-Barraco, Céu e Maria Rita, coberturas de shows, resenhas de discos e um texto de alta relevância sobre a cena electro-industrial na net, escrito pela doutora em comunicação Adriana Amaral, autora do livro “Visões Perigosas” e uma incansável pesquisadora do universo da cybercultura. (DEPECHE, Online, 2007)

Para finalizar esse item, tanto o feedback quanto a posterior checagem de informações no online são formas ricas de exploração das trocas entre pesquisador e participantes, potencializando ainda mais os níveis de proximidade e a disseminação dos dados da pesquisa, além da possibilidade de alterações e correções de detalhes que à primeira vista, também possam não ter ficado claros ao pesquisador.

²⁸ Um dos procedimentos que adotei para facilitar e aumentar esse trânsito de informações é o de após publicar um artigo em uma revista científica, resumi-los e transformá-los em artigos menos acadêmicos com uma linguagem mais simples e acessível, com menos citações, etc.

²⁹ <http://www.overclockzine.blogspot.com>

³⁰ Alguns de meus relatos jornalísticos ou resenhas de shows são publicados em uma coluna que mantenho no site Poabeat <http://www.poabeat.com.br>. Embora sejam textos de cunho meramente informativo/jornalístico e voltados para a música em si, creio que há resíduos de observações do campo ali que podem funcionar como dados empíricos valiosos para uma posterior análise.

³¹ Disponível em <<http://www.fiberonline.com.br>> Acesso em 05/10/2007

³² Grifo da autora. Embora não estejamos discutindo aqui a velha dicotomia mainstream versus underground, é importante percebermos o quanto esse discurso ainda permeia os textos, as conversas, as reportagens jornalísticas dos veículos especializados, como é o caso aqui. A questão da alteridade, do ser o outro continua se fazendo presente mesmo na imensidão do ciberespaço subcultural e deixa bem claro seus limites e fronteiras para os estrangeiros.

Após essa breve recapitulação dos procedimentos metodológicos da netnografia a partir de exemplos de minha própria pesquisa, vejamos as relações entre a produção de conhecimento e o papel do pesquisador-insider no contexto subcultural das redes e a aplicação da ferramenta da autonetnografia enquanto uma das formas de narrativas possíveis de serem utilizadas para o uso da divulgação científica dos dados, no contexto de múltiplos métodos a serem utilizados no percurso da investigação.

2. A autonetnografia como possibilidade de relato narrativo do insider

A comunidade científica está relativamente confortável com o conceito de reflexividade, no qual o pesquisador pausa por um momento para pensar sobre a sua presença, ponto de vista, ou características que podem ter influenciado os resultados do processo de pesquisa. (WALL, 2006, p.03)³³

Uma das preocupações centrais do presente *paper*, encontra-se justamente nas possíveis influências do pesquisador nos resultados do processo de pesquisa, uma vez que minha experiência netnográfica possui um elevado nível de proximidade e interação entre os participantes da subcultura analisada com meu avatar online enquanto pesquisadora. Novamente saliento que as análises e descrições nesse artigo estão calcadas no online, embora esse constante circuito online-offline-online faça parte da dinâmica da netnografia como aponta Hine (2005).

2.1 Da autoetnografia à autonetnografia - narrativa e experiência

De acordo com Kozinets (2007, p. 15), as “netnografias podem variar ao longo de um espectro que vai desde ser intensamente participativa até ser completamente não-obstrusiva e observacional”³⁴. O autor sugere o conceito de autonetnografia para o maior nível de proximidade entre o pesquisador e os sujeitos observados, proporcionando imersão, internalização, consciência de alteridade e engajamento nas comunidades. Ele cita, entre outros exemplos, algumas de suas pesquisas nas comunidades online de fãs de Star Trek, do qual ele era um fã e intenso participante nos tópicos postados.

O conceito de autonetnografia de Kozinets (2007) não passa de uma mera transposição para a inserção no online do conceito de autoetnografia³⁵, caro à antropologia e às ciências sociais como uma forma narrativa que “obtem sua autoridade através de uma

³³ Tradução da autora: “The research community is relatively comfortable with the concept of reflexivity, in which the researcher pauses for a moment to think about how his or her presence, standpoint, or characteristics might have influenced the outcome of the research process”. (WALL, 2006, p.03)

³⁴ Tradução da autora: “Netnographies can vary along a spectrum from being intensively participatory to being completely unobtrusive and observational” (KOZINETTS, 2007, p.15)

³⁵ Para um rastreamento do histórico e da trajetória do conceito através das ciências sociais, ver Wall (2006).

conceitualização estreita do projeto autobiográfico. Essa relação difícil com a experiência, conecta o impulso autoetnográfico para distinguir ele mesmo de uma autobiografia”³⁶. (REDA, 2007, Online).

De acordo com Wall (2006, p.06),

o que pode ser aprendido sobre método em autoetnografia é que ela varia amplamente, partindo de altamente introspectiva, através de aproximações mais familiares, conectadas com a pesquisa qualitativa, com alguns métodos literários experimentais³⁷, pelo menos em termos de escrita enquanto pesquisa³⁸.

Para a autora, a autoetnografia é menos um método e mais uma validação do conhecimento pessoal através do valor social e científico dessa busca. (p.06) Em relação às críticas e à validade do método, ela aponta que alguns teóricos consideram o formato muito narcisista e passível de autoindulgências, além de apontarem falta de sistematização e rigor metodológico nas narrativas. A autora rebate algumas dessas críticas ao falar sobre a cautela necessária ao utilizá-lo para que “não adotemos novas abordagens de modo acrítico e que façamos escolhas disciplinadas” (p.11).

Há uma série de trabalhos interessantes utilizando a autoetnografia³⁹, contudo, destaco o trabalho de Espinosa (2007) como um relato autoetnográfico de pesquisa, especificamente por ter sido produzido sob as condições proporcionadas pelas TICs. O autor relata alguns dos principais usos e formas de consumo das mesmas em seu cotidiano, bastante influenciado pela leitura de ficção-científica, pela música industrial, pela cultura cyberpunk e pela manutenção constante de websites.

2.2 Pesquisador-Insider – benefícios e dificuldades

Nesse caminho reflexivo, optei por adotar o conceito de pesquisa feita por pesquisador-insider⁴⁰ de Paul Hodkinson (2005, p.134).

³⁶ Tradução da autora: “derives its authority through narrow conceptualization of the autobiographical project. This uneasy relationship to experience connects to the autoethnographic impulse to distinguish itself from autobiography”. (REDA, 2007, Online).

³⁷ Para uma compreensão mais aprofundada dos modos literários experimentais de autoetnografia, ver Lionnet (1989).

³⁸ Tradução da autora: “What can be learned about method in autoethnography is that it varies widely, from the highly introspective, through more familiar approaches connected to qualitative research, to somewhat experimental literary methods, experimental, at least, in terms of thinking of writing as research. (WALL, 2006, p06).

³⁹ Entre eles, RUSSEL (1999), MUNCEY (2005), WALL (2006), CHANG (2007).

⁴⁰ O texto de Hodkinson, interessante para pensar a questão da biografia do próprio pesquisador em sua trajetória de pesquisa, possui elementos fortemente autoetnográficos e autoetnográficos – pois trata tanto das incursões offline e online do autor na subcultura gótica.

Esse artigo utiliza a noção de pesquisa feita por insider enquanto um conceito não-absoluto intencionado para designar aquelas situações caracterizadas por um grau significativo de proximidade inicial entre as locações sócio-culturais do pesquisador e do pesquisado⁴¹.

Tal adoção não está isenta de eventuais subjetividades, valores e parentescos de experiências de pesquisa. Tal qual o autor britânico, também comecei a me engajar em atividades subculturais na adolescência, “em busca de pertencimento, distinção e status, e através dos anos ela tem mantido um papel central no meu senso de self, gostos culturais, hábitos de consumo e padrões sociais”⁴² (HODKINSON, 2005, p.136). Assim como ele, “eu compartilho com os outros participantes um compromisso e fruição da música, estilo e atividades que são vistas como centrais ao sistema de valor do grupo”⁴³ (Idem, p.136). Além disso, em um mero detalhe de coincidência biográfica, em uma visita ao website do autor⁴⁴, descubro que ambos somos DJs⁴⁵ em nossas respectivas cenas e localidades.

Esse fator – que talvez aparecesse apenas no diário de campo e não figurasse no relato dos resultados de pesquisa – no exercício autonetnográfico torna-se um dado relevante que pode gerar uma série de questionamentos e problematizações acerca da própria alteração da percepção do pesquisador em relação ao objeto de estudo, apesar dos níveis de distanciamento e de alerta (HODKINSON, 2005, p.132) a que se deve estar atento.

A condição biográfica de *insider* é valorizada, em regra, como um bem em si mesmo, sem que sejam devidamente problematizadas as possíveis vantagens e armadilhas teóricas e metodológicas desta posição inicial de proximidade subjetiva com a cultura e os indivíduos sob o escrutínio acadêmico. (FREIRE FILHO, 2007, p.91)

Apontei inicialmente alguns benefícios dessa posição de *insider*, no entanto, indico agora, seguindo a sugestão de Freire Filho na citação acima, algumas desvantagens e possíveis confusões epistemológicas que podem gerar interpretações dúbias acerca dos

⁴¹ Tradução da autora: “This paper utilises the the notion of insider research as a non-absolute concept intended to designate those situations characterised by a significant degree of initial proximity between the sociocultural locations of researcher and researched”.(HODKINSON, 2005, p.134)

⁴² Tradução da autora: “in search of belonging, distinctiveness and status, and over the years that followed it had maintained a central role in my sense of self, cultural tastes, consumer habits and social patterns” (Hodkinson, 2005, p.136)

⁴³ Tradução da autora: “I shared with other participants a commitment to and enjoyment of music, style and activities that most regarded as central to the group’s value system” (Hodkinson, 2005, p.136).

⁴⁴ Disponível em: <http://www.paulhodkinson.co.uk/> Acesso em 01/09/2006.

⁴⁵ O pesquisador possui inclusive um codinome para tal atividade exercida no ambiente subcultural: *DJ Spurious*, fato bastante comum no emaranhado léxico das cenas. <http://www.paulhodkinson.co.uk/dj.php>

processos de comunicação e sociabilidade que ocorrem no âmbito das formações subculturais em seu contexto online.

Segundo Hodkinson (2005, p.144), para os *insiders*, “há um perigo no qual eles podem ser direcionados, para interpretações problemáticas pelos respondentes que, através de desonestidade, exagero ou especulação oferecem relatos confusos ou não-representativos das suas próprias experiências ou das de outras pessoas”⁴⁶.

Até o presente momento não enfrentei tal problema. Os relatos recebidos até agora possuem uma grande fidedignidade, mas não é descartada a hipótese disso acontecer mais tarde. Um grande retardador do processo de pesquisa reside justamente no fato de que para o *insider*, as entrevistas feitas via Comunicador Instantâneo (CI) demoram um longo período para chegarem nos pontos mais centrais e relevantes para os objetivos da investigação. Por ser uma participante relativamente ativa na subcultura, levo uma boa parte do tempo “conversando” sobre amenidades da cena como lançamentos de músicas, livros ou discussões opinativas por própria sugestão dos informantes ou mesmo minha. Muitas vezes, quando a conversa está chegando nas questões mais controversas, o entrevistado ou o próprio pesquisador precisa sair do computador. São normalmente conversas bastante longas e por vezes fragmentadas em vários dias, tendo retrocessos e avanços através de outras ferramentas tecnológicas de conversação online, como, por exemplo a troca de scraps no Orkut⁴⁷ ou mensagens no sistema de micro-blogging Twitter. A questão temporal indica também mais uma dificuldade: o excesso de indicações, recomendações e sugestões musicais e de vídeos compartilhadas pelos integrantes da cultura⁴⁸. Não há tempo hábil para olhar a maior parte do material enviado, o que pode fazer com que muito rapidamente um *insider* vá perdendo seus níveis de proximidade e *status*, uma vez que a música é ainda o mais importante laço da subcultura electro-industrial.

⁴⁶ Tradução da autora: “there is a danger that they may be drawn towards problematic interpretations by respondents who, through dishonesty, exaggeration or misplaced speculation, offer misleading or unrepresentative accounts of their own or other people’s experience” (HODKINSON, 2005, p.144).

⁴⁷ <http://www.orkut.com>

⁴⁸ A abundância informacional da era das recomendações (Anderson, 2006) e de possibilidades na Web 2.0 transparece até mesmo na fala de um dos entrevistados. “muitos usam myspace para ter contato com outras bandas. o last.fm para ter contato com outras pessoas que escutam música eletrônica. mas muitos só usam orkut ou fotolog e esses consomem mais as informações gerada por aqueles que usam outras redes ou mais a tecnologia. como acompanhar outros fóruns, listas, RSS, sites etc”. NICOLAI, Caue., 30 anos, webdesigner, moderador da lista rejekto e dono do blog <http://www.mentecapto.com>. Depoimento colhido através de entrevista via C.I. Gtalk (Google Talk) em 27/01/2007.

Por fim, uma outra complicação percebida reside na questão de gênero. Por ser uma subcultura de predominância essencialmente masculina, o fato de haver uma *insider* do sexo feminino analisando as interações dentro dos grupos pode atrapalhar esses mesmos processos. Lembro de uma interessante discussão a respeito de homens de 30 anos e suas preferências por mulheres mais novas (dentro de um tópico de discussão do aniversário de um dos integrantes da lista rejeito). A partir do momento em que teci um comentário em tom de brincadeira e uma espécie de reprimenda sobre o assunto, ele foi encerrado rapidamente, talvez numa tentativa de gerenciamento de conflitos por parte dos rapazes.

3. “Confissões teóricas” no caminho das considerações finais

Dar-se como uma coisa que sente e agarrar uma coisa que sente, esta é a nova experiência que se impõe ao sentir contemporâneo, experiência radical e extrema. Mario Perniola, *O Sex Appeal do Inorgânico*, p. 21, 2005

Ao longo da narrativa autonetnográfica que foi descrita através desse *paper*, refleti sobre a utilização dessa técnica/método/forma narrativa – parte indissociável do processo de etnografia virtual (Hine, 2000, 2005) - a partir das experiências pessoais que estão em desenvolvimento em minha pesquisa através de usos, apropriações e consumos da Internet – em sites de redes sociais, blogs, comunicadores instantâneos, etc por parte dos membros da subcultura electro-industrial. Em um primeiro momento, a partir da revisão de quatro procedimentos metodológicos da netnografia feitos por Kozinets (2007), apresentei alguns exemplos de interações e práticas de comunicação e sociabilidade desses participantes em sites de redes sociais como Last.fm, MySpace, blogs, micro-blogs, etc.

A multiplicidade de redes sociais geradas a partir desses sites, blogs, etc, complementa e pontua as interações e trocas informacionais – na qual a troca de links, comentários e leituras de RSS/Feeds de blogs, revistas, webzines, adquirem um elevado *status* - e entre os seus membros, nos quais, eu mesma me incluo. Nesse ponto, faço um parêntese para contar brevemente minha introdução nessa subcultura, embora algumas pistas tenham sido descritas desde o início desse relato.

Conforme anteriormente relatada, minha inserção em diferentes subculturas aconteceu ainda na adolescência, tendo participado de subculturas como *hardrock/heavy metal*, gótica e *clubber* em minha cidade natal durante o final dos 80 e a década de 90. Não imaginava que tal conhecimento empírico das culturas do “underground” - classificado como “fútil”, “perda

de tempo” e “coisa de adolescente” por professores e familiares - adquirido em cenários como casas noturnas, bancas de revista e lojas de discos saíram hoje fariam parte de discussões teóricas.

Minhas preferências estéticas, literárias, cinematográficas, e especialmente musicais, sempre me guiaram pelas subculturas de cunho mais obscuro e/ou de sons mais agressivos e dos desdobramentos do gótico, conforme descrito por Hodgkinson (2002), Baddeley (2005), entre outros, me interessei pela música industrial e seus subgêneros. Nesse período, início da década de 90, as informações chegavam com atraso ao Brasil, em relação à Europa e aos Estados Unidos, ainda dependentes das mídias massivas e especializadas como jornais, revistas, etc. Durante os anos de graduação comecei a participar desses circuitos na posição de repórter e jornalista de música. Mas, foi somente a partir de meus usos da Internet, em seus primórdios no Brasil (por volta de 1994/1995) que voltei a entrar em contato com a subcultura industrial, buscando informações e trocando idéias com outros participantes, mesmo que, com usos limitados como emails, listas de discussões, IRCs e chats.

Durante os anos de pós-graduação, minha participação diminuiu e cheguei a me desligar de vários grupos do qual eu participava, embora tenha focado minha dissertação de mestrado (2002) na figura dos fãs, mas de uma banda específica e com um estudo de caso de uma lista de discussão.

as atividades intelectuais são aí incessantemente parasitadas e estimuladas por desordens e ruídos, fantasias, sonhos, imaginações, delírios; que a emoção, a paixão, o prazer, o desejo, a dor fazem parte do próprio processo de conhecimento. (MORIN, 1999, p.121)

Contudo, foi durante o doutorado que minha reinserção na cena aconteceu efetivamente. Assim como Espinosa (2007), a forte influência da Ficção Científica e da cultura hacker e cyberpunk (objeto da minha tese) que a música industrial e sua subcultura, nessa época já sedimentada no exterior e com núcleos espalhados pelo Brasil, voltou à tona em minhas pesquisas e vivências.

Embora, uma pesquisa etnográfica tenha sido descartada dos objetivos da tese, fiz inserções e participei ativamente da cena da Nova Inglaterra durante o período de meu doutorado-sanduíche nos EUA. Depois disso, e a partir das primeiras publicações sobre o assunto, os próprios participantes das distintas comunidades começaram a entrar em contato

através de emails, comentários no meu blog pessoal, tópicos no Orkut, etc. A partir de 2005, comecei a dedicar parte de meu tempo livre a discotecagens dos estilos EBM, *electro-industrial* e *futurepop* em festas e shows e a sistematicamente aumentar os contatos virtuais não só com a cena local, mas com participantes de São Paulo, Rio de Janeiro e Portugal, entre outros.

Assim, finalizo esse *paper* sobre possíveis usos da autonetnografia e os desafios propostos aos pesquisador-*insider* emitindo um exercício de narrativa autonetnográfica, em um procedimento metodológico que aprecia “cada coisa a partir de sua própria lógica, de sua coerência subterrânea, e não a partir de um julgamento exterior que dita o que ela deve ser”. (MAFFESOLI, 1999, p. 143-144).

Muitas questões e problemas que foram mencionados brevemente – devido ao espaço limitado - surgiram nos rastros desse relato. Seja uma problematização maior sobre a as TICS enquanto artefatos culturais; seja o aprofundamento sobre os conceitos de autoetnografia e sua transposição para o online; seja em relação aos níveis de proximidade do pesquisador-*insider* com os sujeitos da pesquisa e as questões éticas dela decorrente; a controversa narrativa autonetnográfica e a condição biográfica do pesquisador, e por fim novos usos, consumo e apropriações da Internet pelas subculturas. Tais questões merecem uma dissecação e atenção em futuras análises.

Referências:

AMARAL, Adriana. Categorização dos gêneros musicais na Internet – para uma etnografia virtual das práticas comunicacionais na plataforma social Last.fm. In: FREIRE FILHO, João, HERSCHMANN, Micael. **Novos rumos da cultura da mídia. Indústrias, produtos e audiências**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007b. pp.227-242.

AMARAL, Adriana. Cybersubculturas e cybercenas. Explorações iniciais das práticas comunicacionais electrogoth na Internet. **Revista FAMECOS**, n.33, Ago 2007a. pp 21-28.

ANDERSON, Chris. **A cauda longa. Do mercado de massa para o mercado de nicho**. São Paulo: Makron Books/Editora Campus, 2006.

BADDELEY, Gavin. **Goth Chic. Um guia para a cultura dark**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

BOYD, D.M., ELLISON, N. B. (2007). Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13(1), article 11. Disponível em <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>> Acesso em 20/12/2007.

CASALEGNO, Federico (org.). **Memória Cotidiana. Comunidades e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

CASPARY, Costa, MANZENREITER, Wolfram. From subculture to cybersubculture? The Japanese Noise alliance and the Internet. In: GOTTLIEB, Nanette, McLELLAND, Mark (ed). **Japanese cybercultures**. New York: Routledge, 2003. pp.60-74.

CHANG, Heewon V. **Autoethnography as method**. Arizona Press University, 2007.

DEPECHE, Luis. Overclock Zine comemora sua terceira edição. **Fiberonline**, 02/10/2007. Disponível em : <<http://fiberonline.uol.com.br/infomacao.php?cd=2908&ndet=1>> Acesso em: 05/10/2007.

DICKS, B, MASON B. Hypermedia and ethnography: reflections on the construction of a research approach. In: **Sociological Research Online**, 1998. Disponível em: <<http://www.socresonline.org.uk/3/3/3.html>> Acesso em: 10/05/2007.

ESPINOSA, Horacio. Interstícios de sociabilidad: una autoetnografia del consumo de TIC. **Athenea Digital**, 12, 272-277. 2007 Disponível em: <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/448>. Acesso em: 15/01/2008.

FORTE, Maximilian. Centring the Links: understanding cybernetic patterns of co-production, circulation and consumption. HINE, Christine. (ed) **Virtual Methods**. New York: Berg, 2005.

FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil. Os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000.

HODKINSON, Paul. 'Insider research' in the study of youth cultures. **Journal of Youth Studies**, Vol8. n.2, June 2005. pp. 131-149.

HODKINSON, Paul. **Goth: identity, style, and subculture**. New York: Berg, 2002.

HUMPHREYS, Laud. The sociologist as voyeur [1970]. In: GELDER, Ken, THORNTON, Sarah (ed.). **The subcultures reader**. London: Routledge, 1997

KOZINETTS, R. "Netnography 2.0". In: BELK, Russel W. (ed). **Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing**, Edward Elgar Publishing. (forthcoming), 2008

KOZINETTS, R. The field behind the screen: using netnography for marketing research in online communities. **Journal of marketing Research**, n.39, pp.61-72, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2ª ed., 1999.

LIONNET, Françoise. **Autobiographical Voices: Race, Gender, Self-Portraiture**. Ithaca: Cornell University Press, 1989.

MARKHAM, Annette. **Life online: researching real experience in virtual space**. Walnut Creek: Altamira Press, 1998.

MASON, B. Moving toward virtual ethnography. In: **American Folklore Society News** 25-2, Abril, 1996. Disponível em <<http://www.ucs.mun.ca/~bmason/phd/afsnews.html>> Acesso em: 05/05/2007.

MONTARDO, Sandra, PASSERINO, Liliana. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. In **Revista Novas Tecnologias na Educação**, v.4 n.2, CINTED-UFRGS, Dez. 2006

MONTARDO, Sandra P. e ROCHA, Paula J. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. In **Revista E-Compós**. Dez. 2005. Disponível em: <www.compos.org.br/e-compos>. Acesso em 02/05/2007.

- MORIN, Edgar. **O Método. Volume 3 — o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- MUNCEY, Tessa. Doing autoethnography. **International Journal of Qualitative Methods**, 4, Article 5. 2005. Disponível em <http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/4_1/pdf/muncey.pdf> Acesso em 20/01/2008.
- REDA, Mary W. Autoethnography as research methodology? **Academic Exchange Quarterly**, March 22, 2007. Disponível em :< <http://www.thefreelibrary.com/Autoethnography+as+research+methodology%3fa0165912665>>. Acesso em: 10/01/2008.
- RUSSEL, Catherine. **Experimental Ethnography. The work of film in the age of video**. Durham: Duke University Press, 1999.
- SÁ, Simone, Netnografias nas redes digitais. **Trabalho apresentado no GT Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. X Compós**, Brasília, 2001.
- SHAH, Nishant. PlayBlog: Pornography, performance and cyberspace. **Cut-up.com Magazine**. Holanda, V.2.5, issue 42, 24/09/2005. Disponível em: < <http://www.cut-up.com/news/detail.php?sid=413>> Acesso em 05/09/2007.
- SILVA, Fernando Firmino da. Moblogs e microblogs: jornalismo e mobilidade. Artigo aceito para a coletânea AMARAL, Adriana,; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. **Mapeamento de estudos sobre blogs** (título provisório). No Prelo, 2008. Artigo recebido diretamente pelo autor via email.
- STRANGELOVE, Michael. Virtual video ethnography: towards a new field of Internet cultural studies. **Revista Interin** n.03. Curitiba, junho 2007. Disponível em <http://www.utp.br/interin/artigos/art_livre_01_strangelove.pdf> Acesso em 20.06.2007
- TAPSCOTT, Don; WILLIAMS, Anthony D. **Wikinomics. Como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio**. RJ: Nova Fronteira, 2007.
- WALL, Sarah. An autoethnography on learning about autoethnography. **International Journal of Qualitative Methods**, 5(2), Article 9. 2006. Disponível em <http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5_2/pdf/wall.pdf> Acesso em: 25/02/2008.
- WARD, Mary-Allen. Thoughts on bloggin as an ethnographic tool. **Proceedings of the 23rd annual ascilite conference: Who's learning? Whose technology?** The University of Sidney, 2006, 843-851pp. Disponível em: <http://www.ascilite.org.au/conferences/sydney06/proceeding/pdf_papers/p164.pdf> Acesso em 18/01/2008.